

DF- Edmarcã

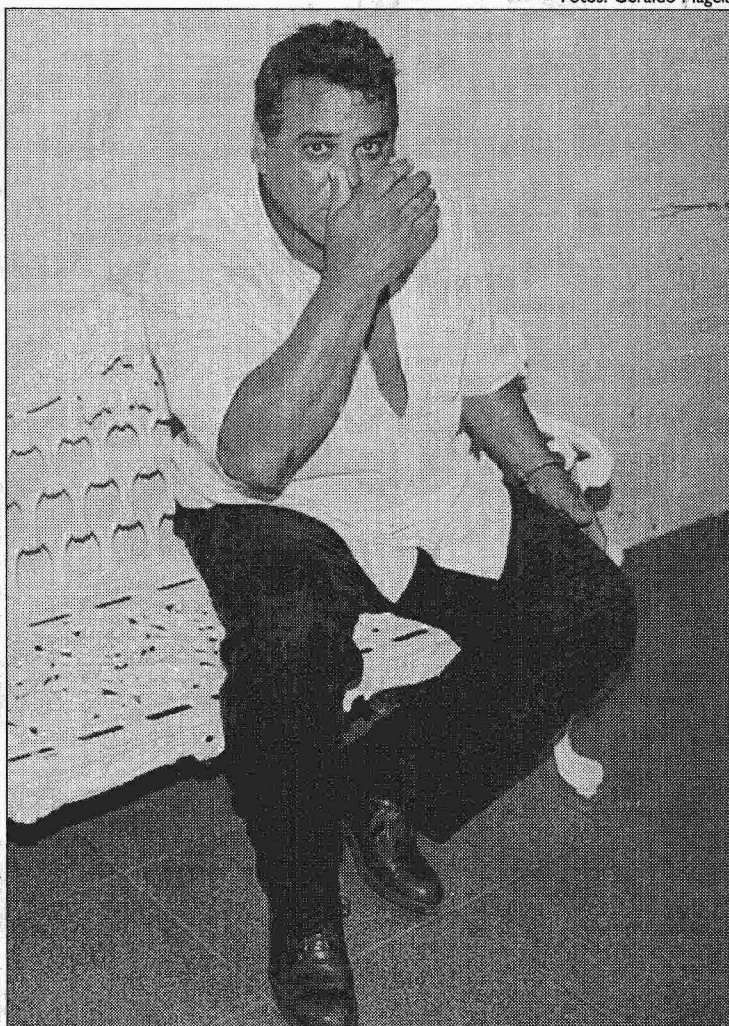
Nem as auditorias detectaram o golpe

Para diretor-geral do Fundo, prejuízo ficou abaixo de R\$ 4 milhões

O golpe no Fundescola (Fundo de Fortalecimento da Escola) não foi detectado por nenhuma das auditorias realizadas pelo Governo Federal e pelo Tribunal de Contas da União ao longo dos últimos cinco anos. Surpreso com o ocorrido, o diretor geral do Fundo, Emílio Marques, disse não acreditar em um valor tão alto para o golpe, quanto o apresentado pela polícia. Ele pretende iniciar logo uma auditoria interna para determinar o valor desviado e a sistemática utilizada na fraude. Os dois funcionários envolvidos já foram exonerados.

“As compras feitas por eles não passavam de R\$ 100 mil mensais. Até um ano e meio atrás não passava de R\$ 30 mil”, explica o diretor. Wendel da Costa Silva era chefe do almoxarifado e José Carlos Teixeira dos Santos o responsável por pequenas compras. A eles cabia, de acordo com Marques, providenciar o material de expediente, como papel, canetas, bobinas, toner, entre outros, apenas para consumo do Fundescola em Brasília e para os eventos que realiza na cidade.

As compras, pelo relato de Marques, eram feitas sem licitação. “A Lei 8666, que define processos de compras, e as normas internacionais determinam que as compras de pequeno valor não precisam ser licitadas. Basta pegar três orçamentos e ficar com o mais bara-



José Carlos Teixeira era responsável por pequenas compras

to”, explica ele.

Segundo Marques, as auditorias checam se as tomadas de preço foram feitas e se os preços batiam, na época da compra, com os de mercado. Marques diz que ninguém desconfiou de compras em excesso, porque o controle do material era feito justamente por Wendel, que

definia quando e quanto comprar, além de ser o responsável pelo recebimento das compras.

O Fundescola passa por auditorias regulares (a cada seis meses ou um ano) feitas pelo TCU, Secretaria de Governo, pelo Ministério da Educação e pelo próprio Fundo. Marques só foi informado ontem pela

manhã do golpe por um delegado da 1ª DP. Para ele, é preciso esclarecer agora se houve irregularidade pela emissão de notas frias ou por falhas nos controles de estoque. “Neste último ano e meio o atendimento às escolas aumentou muito e começamos a ficar preocupados com esse processo de aquisição. Por isso, desde fevereiro, começamos a informatizar tudo”, explica.

O pessoal do Fundescola em Brasília ficou surpreso com o acontecido. Wendel, segundo alguns, costumava aparecer sempre com carros diferentes, mas como comprova e vendida automóveis, ninguém desconfiava de nada. José Carlos era, na opinião de alguns, muito tímido e querido por todos. Eles não eram concursados. Wendel era contratado pelo Ministério da Educação (DAS 2) e o auxiliar administrativo José Carlos foi contratado pelo próprio Fundescola com um salário de R\$ 1.802,94.

O Fundescola existe há cerca de um ano e meio, como uma espécie de ampliação do antigo Projeto Nordeste, que começou em 1995. O programa, criado pelo Ministério da Educação, visa fortalecer as escolas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Para isso, conta com recursos do Banco Mundial (BIRD), no valor de US\$ 1,4 bilhão.

NELZA CRISTINA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA